Ano 29.º — Sábado, 4 de Julho de 1936 — N.º 1430

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

As contas públicas

O povo sabe hoje como se gasta o seu dinheiro

Mais uma vez, dêsde 1929, o gerente das finanças portuguêsas, com um escrúpulo e uma pontualidade que muito o honram, veiu dizer à Nação como gastou os seus dinheiros, os dinheiros que arrecadou pelas diversas contribuições e impostos e rendimentos do Património Nacional.

Há sete anos que assistimos periòdicamente a esta prestação de contas, facto para nós inédito e creio mesmo que lá fóra é também muito raro. Mas, em Portugal, Salazar creou já esta tradição da prestação de contas das gerências findas. E o pôvo português sabe agora a que contas anda. Por isso a confiança no Estado se radica e expande cada vez mais e deixou de ser uma palavra vã.

O démo-liberalismo, sempre preocupado com a caça ao voto, incensou as multidões, inventando uma série de frases de que se serviu e serve para lhe dar a ilusão de qúe disfruta de algum modo o poder público. Chamou ao pôvo *soberano*, soprou-lhe ao ouvido as palavras mágicas—liberdade, egualdade e fraternidade—enfim: invocou a propósito de tudo e nada o acatamento da sua opinião.

Tudo fantochada, tudo falsidade consciente e premeditada e por isso mesmo tanto mais condenável. Os defensores do sistêma, os tais *amigos do pôvo*, bem sabiam que com as restrições ao direito do voto e com a sua pulverisação pelos partidos, o usufruto do poder público era previlégio duma ínfima minoridade da Nação.

E a isto se chamava a expressão da vontade popular! É inconcebível que por tantos anos se permitisse tanto impudor. Se assim era quanto à realisação dos princípios básicos do sistêma, é de calcular o resto, A êste pôvo soberano nunca se lhes disse como era gasto o dinheiro. Apresentavam-se, quando se apresentavam, os orçamentos, que são simples previsões de receitas e despêsas. E êstes orçamentos eram tão falseados que, prometendo saldos positivos, os apresentavam negativos!

Nos primeiros quinze anos do regime republicano, para vergonha nossa que republicanos sômos, a sem vergonha atingiu o cúmulo, vivendo-se anos seguidos sem orçamentos aprovados. Tal é a consideração que aos democratas de partido merece o pôvo *soberano*.

Compare-se êste passado, que não vai longe, com o que se faz agora e veja-se quem realmente considera a opinião pública.

O último relatório das contas de gerência, que abrange o período de ano e meio, é, como os seus antecessores, um documento notável, pela sua clareza e minúcia, pelos ensinamentos que ministra. Pelos mapas que o acompanham se vê que a-pesar-de termos realisado grandes obras de fomento, de termos alargado a acção educativa e de termos reorganisada a nossa marinha de guerra, ainda diminuimos a nossa dívida em cerca de novecentos mil contos. Ninguém suporia há doze anos que tal fôsse possível. Na verdade, há um século que não faziamos outra coisa senão aumentá-la. E como se isto fôsse pouco, verifica-se também que temos como disponibilidades do tesouro, provenientes dos saldos das gerências findas, mais de um milhão de contos. Lá se explica também a maneira como se aplicou o dinheiro dos empréstimos pedidos ao crédito nacional e que fôram ou para obras de fomento, ou para amortisação de outros empréstimos e reembolso da dívida flutuante, havendo restos em disponibilidade.

Como tudo isto parece um sônho!

J. C.

IMPRENSA

"A MONTANHA"

Suspendeu a publicação êste diário republicano da tarde que há 26 anos se publica no Porto. Promete, porém, o número que temos presente, de 30 de Junho, voltar de novo, em breve, completamente remodelado, para iniciar uma vida nova, de acôrdo com as necessidades do Norte.

Oxalá essa vida seja nova—em tudo...

Em maus lençoes...

—o—

O sr. José Augusto Pereira volta a *exigir* que lhe publiquêmos um documento, invocando, para isso, outra vez, a Lei de Imprensa.

Tenha paciência o sr. José Augusto Pereira, mas só pagando. Mas pagando adiantado e, já agora, de harmonia... com a lei.

Rainha Santa

Começaram em Coimbra as festas da sua padroeira, que devem ser deslumbrantes, caso o programa não venha a sofrer alteração.

E' que o planêta anda tão avariado...

Vida Militar

—o—

Deixou o comando de Infantaria 19, tendo seguido na quinta-feira para Lisboa, o sr. coronel Fernando de Almeida Carvalho, que nesta cidade adquiriu simpatias, e foi louvado pelos serviços gratuitos que tem prestado à Guarda Republicana o capitão-vetirinário, sr. dr. José Pinto Portugal, a quem a cidade deve algo como inspector dos géneros alimentícios.

Uma visita ao CENTRO COMERCIAL DE AVEIRO, L.ª impõe-se.

Efemérides

4 de Julho

1776—O Congresso de Filadelfia proclama a independência dos Estados Unidos.

1807—Nasce Garibaldi.

1833—Morre nas masmorras de S. Julião da Barra, em Lisboa, o prisioneiro Borges Carneiro, um dos *jacobinos* das Côrtes de 1821.

1908—E' publicado um decreto autorizando a trasladação de Emílio Castelar para o panteón dos homens ilustres de Espanha.

1911—E' aprovado o regimento da Assembleia Nacional Constituinte da República Portuguêsa.

O TEMPO

A chuva visitou-nos de novo, tendo na quarta-feira de manhã caído água com abundância.

Vamos a vêr se os *vigilantes* ainda terão sêde êste ano...

Beber ou não beber

—:—

Beber ou não beber vinho deixou de ser um caso de dietetica, ou de economia, para transformar-se em artigo de fé, bandeira de partido e programa de hoste guerreira—assim escreve, em síntese perfeita do que tem sido nestes últimos anos, o ilustre homem de letras e médico português, dr. Samuel Maia, no seu recente livro, *O Vinho*.

Sem que razões sérias e ponderadas fôssem trazidas à luz da inteligência, e compreensão das gentes, no decurso do século passado, a campanha de descrédito da milinaria bebida da Humanidade desencadeou-se depois do depoimento tendencioso dum méco que talvez nunca tivesse provado um copo de bom vinho de pasto.

E assim surgiu o conceito da nocividade do vinho; e assim se lançaram os homens em luta destruidora do seu precioso alimento.

Formaram-se ligas; fundaram-se clubes e associações. Os abstencios em assomos de delírio estérico aquilatavam a seriedade das pessoas pelo que elas bebiam...

—Bebe vinho? Fóra que é marôto!

Certos papás, demasiàdamente sêcos, reservaram a mão de loiras meninas a desempenados maganões... porque bebiam vinho!

Um país, depois outro, fecharam as suas fronteiras ao vinho, depois de o terem banido das suas mêsas, e declararam um copo de vinho tão condenável como um assassinato—entregaram o néctar dos deuses aos carinhos do Código Penal.

—Beber vinho, é um crime!—chegou a proclamar-se em pretensos austeros parlamentos.

Sofrendo esta tôla influência, até certa vereação municipal de Lisboa, uma vez, proíbiu a venda de vinho a copo fóra de certos locais, que deveriam ser vedados da vista do público!

Até entre nós, nós produtores de vinho, gente de civilização mediterrânea que sempre soube conhecer as qualidades salutares do vinho alimentar, não nos salvamos daquela influência devastadora de tão grande riqueza.!

Mas todo o exagêro conduz à destruição e o exagêro daquela guerra afinal levou à queda no ridículo, senão na incoerência, dos detractores do vinho que, hoje, vão recuando, confundidos com a argumentação serena e fundamentada dos que ergueram o gládio da sua ciência em defêsa de tão preciosa bebida.

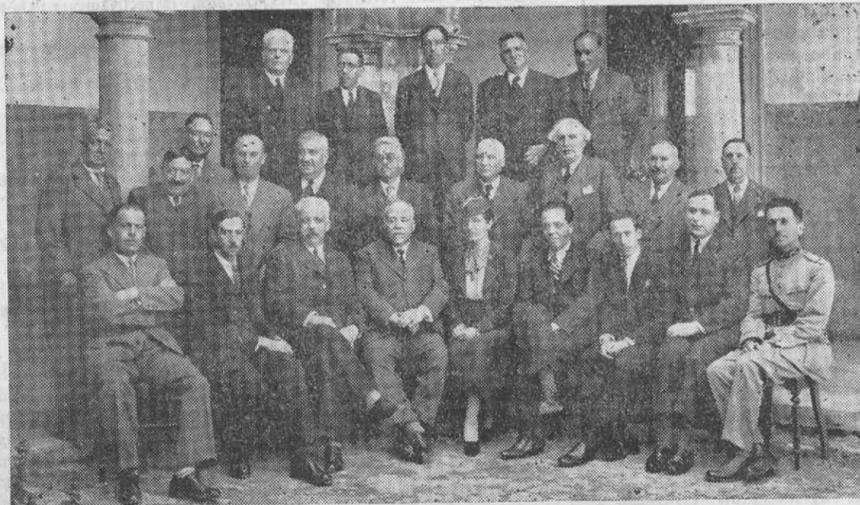
Nos Congressos Internacionais realizados em França e na Suíssa, médicos de todo o mundo, vierem trazer o fruto dos seus estudos e o resultado das suas investigações.

Hoje já não póde resolver-se a questão pelo simples facto de beber ou não beber. Hoje já não se póde condenar alguém pelo simples facto de que bebe vinho—é preciso dizer-se porquê, e não há quem diga êsse porquê com razão. Como também, hoje, póde aconselhar-se o semelhante a beber vinho, mas póde e deve dizer-se-lhe porquê, porque razões o vinho é bom, alimentar, higiénico, medicinal. Para isso procurem-se as opiniões abalizadas dos seus defensores, que, naquêles Congressos, ergueram a voz para dizer a verdade científica a respeito do vinho.

Essas opiniões, valiosos depoimentos da autoridade, vêm relatadas naquêle livo do dr. Samuel Maia, que as ouviu explanadas nas assembleias de Beziers e Lausanne. Devem ser por todos os portuguêses conhecidas,

RECORDANDO O PASSADO

Estudantes ontem, Farmacêuticos hoje

Antigos condiscípulos em alegre confraternização

Grupo tirado depois da visita à Universidade, vendo-se sentados os professores e assistentes da Faculdade de Farmácia

Os rapazes que em 1900 e 1901 se diplomaram em Farmácia pela Universidade de Coímbra, tendo tido por professor o sr. dr. Manuel Fernandes Costa, lá reüniram, para matar saüdades e, junto ao Mondego, recordarem, em alegre convívio, as horas felizes que passaram na poética cidade do amor antes de encetarem a vida prática.

Compareceram: António Antunes dos Santos, José Ferreira Malva e António Luís de Paiva, que habitam em Coímbra e formam a comissão das festas; Evaristo Faure, de Nelas; Capitão Manuel José Faria, da Figueira da Foz; Aníbal Guedes, da Marinha Grande; Joaquim Ferraz de Carvalho, da Batalha; António Abreu Campos, de Salreu; Alberto Falcão, de Oliveira de Azemeis; Alfredo Rodriques Ferreira, de Castro Daire; Eduardo Ribeiro, de Campo de Besteiros; Boaventura de Almeida, de Fundão; Artur Soares, da Covilhã; Eugénio Campos Pais do Amaral, de Alpedrinha e Arnaldo Ribeiro, de Aveiro.

O ponto de reünião foi no Café-Restaurante de Santa Cruz, onde se almoçou Seguiu-se a visita à Universidade para cumprimentos aos professores da Faculdade de Farmácia, que foram feitos, em nome do curso, pelo nosso director, a quem responderam, agradecendo, os srs. drs. Fernandes Costa e Cipriano Deniz, tendo ambos palavras desvanecedoras para quantos se apresentaram à chamada e não esqueceram nem a escola, nem os mestres, nem a terra carinhosa—celebrada por milhares de gerações académicas.

Depois um passeio pela cidade de automóvel e ala para Vale de Canas, sendo lá que o jantar de sábado foi servido e ao qual assistiram dois convidados: os srs. Pinharanda e dr. Barros e Cunha, actual professor de Farmácia.

Muita animação. Ditos de espírito. Graça esfusiante. Mas tudo após um minuto de silêncio pela memória dos condiscípulos a quem a morte arrebatara—de há 36 anos a esta parte.

Á noite, teatro, visto representar-se a nossa revista—*Ao cantar do Galo*—cujo êxito, na opinião da *malta*, ficou assinalado.

No domingo o almoço realisou-se em Penacova e não na Louzã.

Passeio maravilhôso.

Ementa servida no Miranie pela Pensão Avenida de que é gerente o sr. Laurindo da Cunha Martins, agradando plenamente pela excelência do cosinhado e delicadeza das criadas.

Evaristo Faure, Boaventura de Almeida e José Ferreira Malva fôram os arrematantes dos brindes. E porque êles visaram muito particularmente o director dêste jornal, aqui manifestâmos aos velhos amigos e condiscípulos, bem como ao sr. dr. Barros e Cunha, o maior reconhecimento pelas suas amáveis e imerecidas referências que tanto nos confundiram. E o resto ficará para a semana, dado o exíguo espaço de que dispômos para entrarmos em mais detalhes.

Festivais no Jardim

—o—

Fez a sua estreia domingo de tarde, no Jardim, um rancho infantil ensaiado por João Zeferino, tendo revertido o produto das entradas a favor da Companhia Voluntária S. P. Guilherme Gomes Fernandes, cuja banda também ali tocou.

Recebeu merecidos aplausos, executando a banda o seu programa sob a regência do sr. Delfim Matias.

* * *

Àmanhã realiza-se no mesmo recinto outro festival, organizado pela Associação H. dos Bombeiros Voluntários e com o concurso do Rancho Típico de Matosinhos, que pela primeira vez visita a nossa terra.

Principiará às 16 horas.

Bispado de Aveiro

—o—

Corre que a restauração do bispado de Aveiro, há muito extinto, vai ser um facto. O assunto, dizem-nos, já foi tratado no consistório que ultimamente se realizou em Roma, estando resolvido que a Sé seja a igreja matriz da Senhora da Glória, o maior templo da cidade, indo o novo prelado residir para o prédio da Rua Almirante Reis, próximo da estação do caminho de ferro, e que pertence ao sr. D. João de Lima Vidal, arcebispo de Ossirinco.

Será verdade?

E' que tem custado tanto a arranjar um prior cá para a freguesia!...

E é só um prior...

Este número foi visado pela Censura

O Cunha

—o—

Era assim conhecido em todo o país, por dêle se ocuparem, às vezes, os jornais, um agiota que recentemente faleceu em Lisboa e cujo viver sórdido lhe alienou as simpatias até o último extremo.

Morava na Rua da Prata, o Cunha. Nunca saía de casa. Mas agora tiraram-no de lá para o enterrarem, visto o Destino isso ter determinado.

E' de menos uma aberração.

Acidente de viação

—o—

No lugar do Corgo Comum, proximidades de Ilhavo, deu-se no domingo mais um desastre que podia ter funestas conseqüências em virtude do *Fiat* do comerciante Anibal Ramos ter partido a direcção, indo de encontro a um poste. Ainda assim ficou bastante contuso aquêle nosso amigo, que veio no auto dos srs. Testa & Amadores receber curativo ao hospital, antes de recolher a casa, onde se acha em tratamento.

Lamentâmos o precalço.

Nova valsa

O já consagrado compositor musical, sr. Nóbrega e Sousa, acaba de nos enviar uma nova composição da sua autoria, intitulada—*Quem me dera beijar-te outra vez*—que dedica à distinta e simpática actriz Maria Paula.

Agradecemos ao nosso amigo e conterrâneo a gentilêsa da oferta, muito estimando que veja satisfeitos, sem contrariedade, os seus desejos afim de nos poder mimosear com outras manifestações do seu talento.

Aveiro--Viana

Está definitivamente marcado o dia 19 para a grande excursão que o *Club dos Galitos* promove a Viana do Castelo onde o seu Grupo Cénico representará a revista que tanto suceso tem feito.

O trajecto é feito em comboio especial.

A céga--réga...

—o—

O das capoeiras, esse desgraçado que veio servir de testa de ferro duns inuteis que nem para guano servem, cada vez está mais ridiculo com as suas pretenções.

Nem que a Câmara tivesse um remilhão de contos!

Mas os *vigilantes* entendem que o sr. dr. Lourenço Peixinho há-de fazer tudo!

O' raios: dêem o tempo ao tempo...

Mário Duarte

—o—

Por o ter requerido, foi aposentado êste nosso velho amigo que actualmente exercia as funções de director de Finanças no distrito da Guarda.

Sinceramente estimâmos que o antigo *sportman* dos tempos passados, a quem Aveiro deve avultado número de iniciativas tendentes a criar o gôsto pelos divertimentos físicos, goze a reforma por dilatados anos.

Curso de piano

Concluiram-no esta semana com honrosas classificações o sr. Luiz Cerqueira, director do Colégio Nacional de Aveiro, e a sr.ª D. Cândida Robalo, filha do sr. José Robalo Lisbôa Júnior.

Os nossos parabéns.

O sr. Governador Civil de visita ao concelho de Arouca

O sr. Governador Civil de Aveiro visitou no dia 14 de Junho, o concelho de Arouca, donde é natural e os seus conterrâneos receberam-no festivamente. Houve música, foguêtes, flores, recepção na Câmara e um banquête em sua honra. E também houve, quem, usando da palavra, se lhe referisse em têrmos elogiosos, o que levou o sr. dr. Alfredo Peres a agradecer.

Para acompanhar os clichés que, sobre as manifestações de que fôra alvo, hoje inserimos, eis algumas palavras de S. Ex.ª colhidas no banquête:

Começou por se referir à elevação dos discursos ali proferidos, dizendo que lhe era consolador levar junto do Govêrno a apoteose que, através dêsses discursos, teve o Estado Novo. Aludiu à união de todos os valores mais representativos da sua terra que, pondo de lado motivos fúteis, se uniram para o receber, a êle, delegado do Govêrno. Falou do facto curioso de ainda receber, no seu gabinête de Governador Civil, um ou outro jornal com a classificação partidária de *semanário republicano democrático*, facto êsse que lhe traz à lembrança a época em que Portugal viveu sôb o domínio da política dos partidos que dividia, enfraquecia e ia perdendo a Nação. Hoje a fórmula —afirma—é vasia de sentido. Os acontecimentos puzeram o problema político do mundo noutro pé. Êle exprime-se num dilema filosófico, inquietante e decisivo: cristianismo ou paganismo. E a êsse dilêma corresponde, em matéria de construções jurídico-políticas, um outro: govêrnos de autoridade, de natureza «cezarista», latino-cristãos, ou o comunismo.

Prosseguindo: Portugal, tomando posição no problema, constroi o Estado Novo—trincheira invencível para onde devem vir todos os portugueses, novos e velhos, azuis ou vermelhos, ricos e pobres, sábios e ignorantes: todos os que, dentro do peito, teem um coração português.

Nesta altura, para melhor exemplificar as suas palavras estuantes de fé e misticismo, o orador evoca a célebre frase histórica—*russos: além!*—como um conselheiro de D. João I definiu a sua opinião àcêrca da expedição a Ceuta, caminho aberto para mais gloriosos feitos, e exclama: «que os velhos não queiram deter a geração nova no propósito em que está de restituir Portugal às suas próprias virtudes; sejam êles os primeiros a alentá-la nessa tarefa sagrada a que, teimosamente, se votou, e de cuja marcha de vitória já não há nada que a afaste.»

Entrando mais fundamente no sentido político, o sr. dr. Alfredo Peres afirma, vigorosamente: «para tanto, mais do que nunca na acção política se exige disciplina e obediência, residindo nela a verdadeira escola de mandar. Mais do que nunca se torna necessário que a política se faça de cima para baixo. A opinião pública —continua—é flutuante e os govêrnos não podem ser incondicionalmente teem de ser, igualmente, flutuantes nos seus objectivos.»

E conclúe, incisivo: «daí não saberem êsses govêrnos o que querem, e terem de ficar em posição manifestamente inferior àquêles que sabem para onde vão—àquêles que, com os olhos em baixo, perscrutando a consciência nacional, mandam de cima.»

«Mercê do equilíbrio das nossas doutrinas, somos um exemplo no mundo inquieto. Não temos preocupações de ordem interna; a Nação marcha segura de si e não parará no caminho, no rumo da sua grandeza antiga—e vencerá, porque tem por si a inteligência esclarecida e o coração em fôgo das gerações novas, porque tem a comandá-la Salazar—o Mestre querido.»

Para terminar, o orador bebe pelo Chefe do Estado, «figura de rara distinção—diz—de elegância moral e de apurado tino político, que representa o princípio da autoridade e encarna a unidade nacional. Bebe também por Salazar—o revolucionário de espírito fortemente combativo, que vem comandando, nesta maré-alta de fé nacionalista, a causa sagrada da reconstrução e do engrandecimento de Portugal.»

Afectuoso e extremamente sensibilizado com o carinho e o entusiasmo com que foi recebido, o sr. dr. Alfredo Peres saúda os seus conterrâneos e diz, aludindo ao local onde se realiza o banquête: «Meus amigos: aqui, reünira, outrora, a comunidade religiosa para decidir dos assuntos que a interessavam ou preocupavam; aqui, pretende, nêste momento, um vosso conterrâneo apelar para a vossa união, acabando com vaidades, despeitos ou ódios que dividem, enfraquecem e matam. Que todos se unam à volta do Chefe do Estado e sigam Salazar na obra de redenção nacional. Que tôdas as vontades se fundam numa só vontade. Que todos os corações se unam num só coração para que resulte progressiva a linda terra de Arouca que o espírito de Mafalda, Raínha Santa de Portugal, defende e protege.»

Estrugem os aplausos e a festa termina num ambiente de cordealidade como nunca se havia observado no ridente concelho que tem por especialidade as saborosas murcelas de remotas eras.

A ESPERA AO CHEFE DO DISTRITO

O ASPECTO DO BANQUETE QUE LHE FOI OFERECIDO

essas téses, para que em Portugal se torne a opinião pública, necessária e útil, a que o próximo Congresso Internacional do Vinho, que deve realizar-se em Lisboa, encontre o ambiente propício e a êle acorram as autoridades nacionais em número e qualidade para que nêle ocupêmos o logar a que devemos ter direito.

Em Portugal deve proclamar-se que se beba vinho, mas deve dizer-se com consciência sabendo porquê.

Produtos "Taipas,,

—o—

Num dos últimos espectáculos da revista *Ao cantar do Galo* foi distribuido pelos espectadores, a título de reclame, grande número de sabonetes *Taipas—o sabonete que faz a pele nova*—e bem assim o perfume *Mérita*, dos melhores que têm aparecido no mercado e amostras de *Talco Taipas*, considerado a *alegria do Bébé*.

Destes produtos é depositário nesta cidade a *Farmácia Brito*, de Moraes Calado.

ANUARIO

—o—

Belamente encadernado, recebemos o *Anuário da Associação dos Médicos Portuguêses* correspondente a 1936 que nas suas 260 páginas nos fala sobre casas de saúde, dispensários, farmácias do continente e Madeira, farmácias de serviço nocturno em Lisboa, hospitais, importadores de estupefacientes, importadores e representantes de produtos farmacêuticos, inspectores e delegados de saúde, institutos, laboratórios e representantes de laboratórios, legislação de farmácia, maternidades, médicos do continente, Açores e Madeira, Misericordias, policlínicas, sanatórios, termas, etc., apresentando também o Relatório e Contas da gerência de 1935.

É, como se vê, um livro útil em tôda a extenção da palavra, que muito honra o sr. Adelino dos Santos, a quem ainda há semanas nos referimos pela forma como também organizou o *Guia dos Correios, Telégrafos e Telefones*, de incontestável valor pelos assuntos de que trata.

"Ao cantar do Galo,, em Coímbra

vibra também de entusiasmo a plateia do Teatro Avenida, aplaudindo os intérpretes da revista

O Grupo Cénico do Club dos Galitos deu a primeira récita fóra da terra. Foi a Coimbra. E apresentando-se no Teatro Avenida na noite de sábado, fez figura, não nos deixou ficar mal, conseguindo brilhar. Isto não obstante a falta do projector destinado a iluminar alguns quadros e de por parte da orquestra ter havido umas certas *aquelas* que, todavia, estão longe de atingirem a importância que alguns aveirenses para aí lhe atribuem...

E que isto é assim vê-se pela maneira como a imprensa da terra se refere ao espectáculo, a principiar pelo *Diário de Coimbra*, que dêste modo se exprime:

Trouxe-nos o entusiasmo da alma sempre moça do sr. dr. Abílio Justiça, ao Teatro Avenida, o *Grupo Cénico do Club dos Galitos* de Aveiro.

Quantos ali foram, disseram: Bem haja, sr. dr. Abílio Justiça!...

Este agradecimento justíssimo, é um dever que registamos com imensa satisfação, tal o encantamento de que ainda agora nos sentimos possuídos, horas decorridas sôbre o espectáculo, que, possívelmente não veríamos, se não fôsse a feliz iniciativa do sr. dr. Justiça.

Precisamos de ganhar tempo, que nos traga a calmia que necessitam os nossos sentidos, entusiasmados com o que vimos.

E' fácil dizer de um espectáculo de altos e baixos, de números bons e falhados, onde há apenas que registar um ou outro ponto—para bem, ou para mal!...

Agora numa revista, escrita, musicada, desempenhada e ensaiada por amadores, na qual se podia riscar a palavra *amadores* sem deslustre de proficionais, é difícil fazer citações.

O Grupo Cénico do Club dos Galitos de Aveiro é um grupo homogéneo e equilibrado em todos os conjuntos.

Nada destôa: nem a alegria, nem a vida que lhe emprestam os seus intérpretes; nem a elegância, nem o à vontade que todos à uma disfrutam no palco.

Mocidade buliçosa, raparigas lindas e alegres, deve constituir para Aveiro um legítimo orgulho, possuir quem, com tal galhardia, leve aos quatro cantinhos da terra portuguesa, numa bela manifestação de arte e beleza, os encantos daquela linda cidade.

*

A peça, escrita despretenciosamente, com graça leve, sem escabrosida des—sempre desnecessárias quando o espírito existe — bem urdida, pintalgada de rabulas desopilantes, cheia de números vistosos e bem marcados, abraçada por música com cunho bem português, encontrou nos seus intérpretes a gente «comme il faut» para o êxito alcançado.

Não se vêem nesta revista os estafados processos dos choradinhos ridículos, antes se aponta a hora que passa, como motivo de entusiasmo.

Estão nesta categoria os lindos números de desporto.

Não querîamos fazer referências especiais; todavia, os números «Polícias de Turismo», «Engraixadores» «Mulheres das camarinhas», «Tricanas e descarapuçados», e os números dos desportos, deram-nos o movimento e alegria que caracterizam os espectáculos de revista.

Como quadros coreográficos de justo relêvo, «Malmequeres» e «Espumante».

Naquele, Lourdes Teles, graciosa e elegante «borboleta» dançou, primorosamente, a valsa dolente e encantadora, que a voz bem modelada de Carolina Lemos enriqueceu.

Em «Espumante», dois frisos de lindas raparigas encaixilharam a elegância do par, Maria da Apresentação Lima e Sebastião Amaral que nos fizeram esquecer a sua qualidade de... amadores.

Sebastião Amaral cantou bem, muito bem.

A sua voz é digna de ser tratada, pois reúne tôdas as condições para saír da vulgaridade.

E mais? Todos bem.

Maria Augusto Amaral e Amélia Nogueira, em papeis característicos, artistas, Maria Morais Gamelas (a chefe do quadro engraixadores), entusiasmou a plateia; Maria José Couceiro, *disse* muito bem quanto lhe confiaram; Maria Avia Ferreira, na 3.ª «comére» vestiu com elegância e apresentou os números com sobriedade e distinção; Deolinda Borrêgo, Salomé Borrêgo, Aurea Ferreira, Enoi Sarrazola, Carolina Vêlhinho, Elia Silva, Amélia Albuquerque, Felismina Carvalho, Sofia Costa e Estefânia Pires, deram a vida e côr requeridas, aos papeis que lhe distribuíram.

Marcações primorosas.

Cênas bem pintadas, algumas com grande classe.

Guarda roupa simples, bom gôsto e distinção.

Casa cheia. Fartos e merecidos aplausos.

Bisados muitos números.

E a fechar, os nossos sinceros parabens ao ensaiador sr. António José Flamengo, que deve ter regressado a Aveiro compensado pelo seu extenuante trabalho.

O grande juíz—o público—premiou sem constrangimento a sua obra.

Tanto lhe deve bastar.

P. S.

No final do 1.º acto, foram lidas duas mensagens de saüdação dos grupo cénico do *Coimbra Club* e *Grupo Beneficente Dr. José Rodrigues de Oliveira*, respectivamente pela sr.ª D. Júlia Santos e sr. João Franco.

Esta última é do teor seguinte:

Homenagem

A embaixada de gente môça, simpática e generosa, alegre e artista que hoje nos honrou com a sua visita, após alguns anos de ausência dos nossos palcos, vem testemunhar mais uma vez a sua afeição pela nossa terra, tornando mais fortes, se é possível, os laços de amizade que há muito tempo unem duas das mais lindas cidades de Portugal—Aveiro e Coimbra.

Vive ainda no coração de todos aqueles que, sob a direcção artística do saüdoso dr. José Rodrigues d'Oliveira levaram a Aveiro a alacridade e o ritmo empolgante, definidores da juvenilidade excelsa duma arte que sen tida por almas de élite, comunicou ao povo a excelência emocional dum estro creador, a inolvidável recordação do acolhimento de apoteose que lhes dispensou o castiço e indomito povo Aveirense.

E assim nós que pretendemos ser a corporisação viva do ideal filantró pico que tentalizou a alma do eminente médico e amigo dos humildes, vimos comovidamente trazer-vos com a homenagem das nossas almas agradecidas e expressão do encantamento e da irreprimível alegria que em nossos peitos prorrompe, numa impulsão de fonte a derramar o frescor e a fluida graça de imorredouro afecto.

* * *

A revista voltou à cêna, quarta-feira, no Teatro Aveirense com casa cheia.

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 3 a 11 de Julho

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Continua a descida barométrica, destacando-se, em 11, uma oscilação brusca.

Datas de novos ciclones—Em 7.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo, se apresente, por vezes, de chuva e ventoso, principalmente nos primeiros dias do periodo.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Jugo-Eslavia, Hungria, e Italia.

Oscilação provavel de temperatura na Peninsula—Oscilação com tendencia para subir até 9.

SISMOLOGIA

Data de maior sensibilidade: de 6 para 7 e em 11.

Setúbal, 1 de Julho de 1936

A. CARVALHO SERRA

Haverá crime?

Arrolou à praia da Costa Nova, segunda-feira à noite, o cadáver de um rapaz, aparentando menos de 20 anos e cuja identidade se desconhece.

Veste com distinção e apresenta um ferimento que parece causado por navalha.

As autoridades procedem a averiguações.

«GATO PRETO»

Reabre hoje, completamente remodelado, êste Café Restaurante, situado no Rossio e que passou para nova sociedade.

Ontem à noite realisou-se um jantar comemorativo para o qual foi também convidado o *Democrata*.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: ontem, a sr.ª D. Lucinda Bettencourt de Azevedo e Castro, dedicada esposa do nosso velho amigo dr. Joaquim A. de Azevedo e Castro, juiz da 3.ª Vara Civel de Lisboa e o sr. Alexandre Estrela de Sousa Lopes; ámanhã, fazem as sr.as D. Maria Ávia de Melo Carvalho, prendada filha do sr. Arménio Duarte de Carvalho; D. Maria Rosa Lourenço Pitarma, esposa do sr. Custódio Marques Pitarma, importante industrial de panificação em Sacavem e Alice Amaro Trindade e os srs. João Ferreira de Macedo e Amadeu de Sousa; no dia 7, a esposa do sr. Ernesto Vieira, sócio da firma Clemente, Vieira & Lau, L.ª *e em 9, o sr. José Nunes Ferreira Ramos, da* Fotografia Ramos, *da Estrada de Ílhavo.*

Gente nova

Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Júlia da Costa Sucêna, esposa do sr. Marcelino de Oliveira Sérgio e filha da sr.ª D. Crisanta Sucêna Rodrigues, da Fábrica de Serração e Carpintaria dos Santos Mártires.

Os nossos parabens.

Partidas e Chegadas

Regressou da América do Norte à sua casa do Marco de S. Bernardo, o sr. João Vieira Caniço, que traz a saúde um pouco abalada.

Cumprimentámo-lo, estimando as suas melhoras.

Carreiras de camionetes

—o—

O sr. António Cândido Soares de Almeida anuncia uma nova carreira de camionetes entre Vale de Cambra e esta cidade, que permitirá a passagem de algumas horas na importante vila durante o dia.

Excelente e da maior vantagem.

Em estado de sítio...

Dizem-nos que na noite de terça-feira ralharam as comadres para os lados da Rua do Rato, onde a coisa chegou a estar feia.

E' que nem tudo são *fantesias*, como parece à primeira vista...

COMUNICADO

—o—

Aos senhorios de prédios urbanos

Venho dar conhecimento de que os meus inquilinos António Leite da Silva, trabalhador da Junta Autónoma e Querubim Gomes, empregado na casa Artur Trindade, me coagiram, pela falta de pagamento de vários mêses de renda de casas minhas que ocupam, a mover-lhes as respectivas acções de despejo, o que ámanhã sucederá a novos senhorios se êstes não se prevenirem com fiadores idóneos.

Aveiro, 27 de Junho de 1936.

Aldobrando Leitão

NECROLOGIA

D. Maria das Dôres Freire

Com o exclusivo fim de desanojarem o nosso presado amigo, sr. José Moreira Freire pela morte de sua amantíssima esposa, estiveram nesta cidade os srs. Francisco Wenceslau Ferreira, do Pôrto; António Coelho e Frederico de Almeida Duarte, de Lisboa; Alberto Cardoso de Matos, de Tondela; Alvaro Ferreira da Silva, da Batalha; Alberto da Costa Malaguêta, da Amadora, é Carlos Couto, de Sintra.

Como dissémos no número anterior, o cadáver da sr.ª D. Dôres Freire foi cónduzido para o cemitério central, tendo-se organizado os seguintes turnos:

1.º

Frederico de Almeida Duarte, Alberto Cardoso de Matos, Alfredo Cesar de Brito e Firmino Fernandes.

2.º

Dr. Simão Leal, António Osório, António Maria Duarte e José Prat.

3.º

Francisco Gama, Artur Trindade, António Ferreira e Antero de Almeida.

4.º

Augusto Carvalho dos Reis, Ricardo Costa, Silva Rocha e Luís António da Fonseca e Silva.

5.º

João Trindade, Gervásio Aleluia, Américo Ramalho e Alfredo Osório.

6.º

D. Rosa Garrelhas, D. Maria Coelho, D. Maria Rocha de Matos e D. Adozinda Fernandes.

7.º

Família: Francisco Wenceslau Ferreira, Alberto Malaguêta, Alvaro Ferreira da Silva e Firmino Costa.

Sôbre a urna, de cuja chave era portador o sr. António Coelho, ia a bandeira dos Bombeiros Voluntários e atraz um grupo de senhoras com lindos *bouquets* de flôres — último preito de saüdade por aquela que em vida tanto as havia distinguido com a sua amisade.

Na igreja de S. Gonçalo foi resada missa do 7.º dia por alma da extinta, recebendo os pobres, no fim, esmola e o nosso amigo, sr. José Moreira Freire, os cumprimentos da assistência.

Cap. José António Gonçalves

Fomos no domingo surpreendidos com a notícia da morte, em Esgueira, dêste brioso oficial do Exército, pertencente a Cavalaria 8, em cujo regimento fazia serviço há bastantes anos, grangeando a estima dos seus camaradas e subalternos devido à sua extrema bondade.

Vitimára-o uma angina pectoris.

Natural de Trás-os-Montes, transmontano, portanto, o capitão Gonçalves, como vulgarmente era conhecido, impunha-se à nossa consideração pelo seu carácter íntegro, tendo começado a apreciá-lo no dia em que, pela fôrça das circunstâncias, tivemos de com êle tratar.

De maneiras delicadas e deveras atencioso, com mágoa traçâmos estas linhas de homenagem, pois é para nós sempre grato distinguir aquêles que se sabem impôr pelos seus méritos, pelos seus predicados e pela nobreza dos seus sentimentos. E como na hora que passa vão rareando os homens que se impõem pela sua envergadura moral, temos o dever de os apontar como exemplo de honestidade para que se não confundam com os tartufos e outras aberrações da espécie humana que vieram ao mundo só para fazer mal, sem nada produzirem de útil à sociedade.

Os despojos do sr. capitão José António Gonçalves seguiram na manhã de segunda-feira, num auto dos Bombeiros Voluntários, para a terra da sua naturalidade — Bragança — tendo-os acompanhado até o fim da povoação alguns oficiais e sargentos da guarnição, além de outras pessoas a quem não foi indiferente a sua morte. Um esquadrão prestou-lhe, igualmente as devidas honras, tendo-se organizado durante o trajecto os seguintes turnos:

1.º

Comandantes de Cavalaria 8 e Infantaria 19 e majores Gaspar Ferreira e José da Costa.

2.º

Capitão Amílcar Gamelas, tenente Almeida Campos, Raúl de Almeida de Eça e M. Alves Ribeiro.

3.º

Comandante dos Bombeiros, representante da Academia, presidente da Junta de Freguesia e Manuel Fernandes da Silva.

4.º

Major Ferreira e capitães Luís Marçal, Pinto Portugal e Oliveira.

5.º

Sargento-ajudante Rocha e sargentos Neves Vieira, Américo David e Santos Saial.

O funeral foi dirigido pelo sr. tenente-coronel Abilio de Souza Namorado, da chave da urna era portador o sr. coronel Carlos dos Santos Natividade e a espada e o bonet fôram conduzidos pelo alferes Francisco António Wenceslau, que também acompanhou o cadáver até Bragança.

O saüdoso extinto que contava 52 anos, deixa viúva a sr.ª D. Aurora Laureana Branco e três filhos, um dos quais o académico João José Branco Gonçalves, aluno do nosso liceu. A todos o *Democrata* acompanha no seu pesado luto.

Susete Fernandes Aleluia

Era uma criança ainda. Onze anos. Mas como a morte não es colhe idades, já está no outro mundo, arrancada abruptamente ao convívio e ao amor dos seus.

Filha querida do nosso muito presado amigo Carlos Aleluia e de sua esposa, a sr.ª D. Maria Fernandes Aleluia, não quiz o Destino que êste lar feliz por mais tempo a possuisse no seu seio e então a fatalidade surgiu tenebrosa, transformando-o num mar de angústia.

Foi na quarta-feira. Não nos queremos lembrar. A Susete havia expirado de manhã cêdo, após curtos dias de atroz sofrimento.

Que horríveis momentos!

Como de repente tudo muda numa casa!

Quadro desolador!

Tentar descrevê-lo, para quê, se toda a gente póde avaliar o que seja a perda dum filho querido?

Decorreram as primeiras horas. A notícia do desenlace correu célere pela cidade, que acode à residência de Carlos Aleluia a manifestar o seu sentimento.

Depois... Depois veio a tarde e com ela a aproximação da hora do entêrro.

Tinha de ser. Aquela criança tão estimada, tão acarinhada, tão idolatrada pelos pais e por a avó ia agora deixá-los para sempre.

Assistimos, também, à despedida.

A Susete vestia de noiva.

Que linda!

E um montão de flôres viçosas, exalando perfume e colocadas à sua volta, maior realce lhe davam.

Se não fôsse as lágrimas que as orvalhavam...

Acompanhando a Susete ao cemitério centenares de pessoas formaram o cortejo, não contando com as crianças das escolas primárias que a tiveram por companheira.

Pelas ruas do trajecto, olhos marejados de lágrimas, opressão nos corações—pena, tristeza, dôr.

Não se fazem turnos a não ser de operários da *Fábrica Aleluia* e a chave da urna leva-a o vice-presidente do município, sr. Silva Rocha.

E eis tudo.

Se há céu, é mais um anjo que o foi habitar.

Susete: Não te esqueças de nós. Lembra-te de que brincâmos juntos e que a tua eterna ausência da beira dos que tanto te queriam também nos sensibilisa, abrindo um profundo vácuo no sacrário onde guardâmos todos os nossos afectos.

Para Carlos Aleluia, para sua dedicada esposa, para sua mãe e para seu irmão Gervásio, não têmos palavras com que lhes possâmos minorar o sofrimento porque é rude golpe que lhes atingiu, em cheio, o coração. Por isso nos limitâmos a afirmar que a todos acompanhâmos na sua profunda mágua.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Maria da Apresentação, de 46 anos, casada com Ricardo Gonçalves da Peixinha; João Rodrigues da Palma Calmão, viúvo, de 81 anos, sogro do sr. Manuel de Pinho Varela, e Manuel Marques da Silva, viúvo, de 68 anos. Em *Esgueira*, Joaquim Simões Pereira, casado, de 78 anos e na *Prêza*, José Joaquim Pereira, casado, de 70 anos.

Curso de Férias

Abre nesta cidade, logo que terminem os trabalhos escolares do Liceu, para alunos do 1.º, 2.º e 3.º anos de francês, e 4.º e 5.º anos de inglês.

Dirigir à sr.ª D. Olinda Soares, na Rua Homem Cristo (filho).

Santos populares

—o—

O S. Pedro, como se sabe, era dos três que se festejavam no mez de Junho, o que fechava a porta à folia. A mocidade, porém, não lhe quiz dar êsse trabalho e tudo acabou em paz.

Tout passe, tout casse, tout lasse...

Princípio de incêndio

—o—

As duas corporações de bombeiros compareceram na quinta-feira de tarde em frente ao edifício dos correios, chamadas pelo telefone por se presumir haver fôgo no pavimento inferior.

Não chegaram a sêr utilisados os seus serviços.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Correspondencias

Costa do Valado, 2

Efectuou-se no domingo o baptisado do filhinho do sr. dr. Carlos Vidal, que recebeu o nome de Carlos Manuel.

—De Castelo Branco veio transferido para Coimbra o sr. alferes Lopes dos Santos, marido da sr.ª D. Arminda Santos, chefe da estação telégrafo-postal desta localidade.

—De visita a seus pais estêve aqui com sua esposa, o furriel da aviação de Tancos, sr. Armando Marques de Carvalho.

C.

Eixo, 1

Realizaram o seu casamento no Posto do Registo Civil: Camilo Lopes Vieira, de Eirol com Antonia de Jesus Vieira, desta freguesia; Abel Marques, da Torreira, com Rosalina Coelho de Carvalho, de Eirol; Isaque Pereira Ramos com Ana Martins Ferreira, ambos de Eirol; Sebastião Fernandes Costa, desta freguesia, com Rosa Augusta Soares, da Giesteira, Agueda; Belmiro Viegas, de S. Bernardo, com Ana Tavares de Souza, do lugar de Azurva; José de Magalhães Barbosa, com Guiomar Martins Ferreira, ambos da freguesia.

—Tambem deverá realizar-se em breve o enlace, em Lisboa, do sr. Mario Dias de Figueiredo, fiscal dos serviços hidraulicos, com a menina Lucinda Baptista Ferreira, os quais fixarão aqui a sua residencia.

—Faleceram: José Fernandes Araujo, —o *Alpoim*—do Monte; Manuel Marques Gomes, mais conhecido por *Manuel da loja*, lavrador, e Maria Soares Delgado, de 28 anos, casada.

—Vindo de Luanda, onde exerce as funções do Delegado do Procurador da Republica, acha-se desde sabado entre nós o sr. dr. Evaristo Fernandes Mascarenhas, acompanhado de sua esposa e interessantes filhinhos.

—Para Lisboa seguiu, ante-ontem, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso amigo sr. José Fernandes Mascarenhas, que dali embarcará para o Rio de Janeiro a retomar o seu lugar de gerente na importante Companhia Inglesa dos Moinhos Reunidos.

—Para reparação dos estragos causados na nossa margem do Rio Vouga, pelas ultimas chuvas foram concedidas pelo ministerio das Obras Publicas, verbas no montante de 57.000$00, pretensão esta por que a Junta vinha pugnando como era de absoluta necessidade. Torna-se agora imperioso que os trabalhos não demorem para aproveitar o tempo próprio.

C.

Secção desportiva

A abrir

A laia de programa...

Convidados a assumir o cargo de redactor desportivo dêste jornal, cumpre-nos afirmar o seguinte à laia de programa:

Acima de um ou outro club poremos o desporto. Tôdas as côres para nós serão belas quando não manchadas, antes dignificadas nos rectângulos.

Mantendo o anonimato, não nos move a glória...

Escrevendo por amor à arte, que é, como quem diz, ao desporto, não nos subjuga a ideia de a todos agradar. E, mesmo, agradar a gregos e troianos é impossível. Nada, portanto, de jogar com pau de dois bicos, como costuma dizer-se.

Louvores às mãos-cheias a quem os merecer. Censuras ásperas a quem as provocar.

Também não estamos dispostos, desde já o declaramos, a tornar esta Secção uma autêntica secção de foot-ball. Felizmente, foot-ball e desporto não são sinónimos...

Por sua vez, todos os clubs, desde o maior ao mais modesto, nos merecerão igual estima.

Temos, portanto, que êste jornal tratará com o mesmo carinho todos os desportos e prestará uma atenção igual a todos os clubs.

De resto, para nós não há côres feias. São, tôdas elas, bonitas, muito bonitas, repetimos. O que nos interessa é fazer justiça, muita justiça, tôda a justiça.

O mais é palavriado barato, crítica de pataco.

Foot-Ball

Sud 3—Galitos 1

Galitos fôram de longada no penultimo domingo, até Paços de Brandão e não conseguiram ser felizes. Naquela *caixa de fósforos* que é o campo do *Sud*, outros, melhores, têm baqueado... Assim, com uma vitória em Aveiro e uma derrota em Paços de Brandão, *Galitos* terão que disputar, em campo neutro, um terceiro encontro. Se perderem êste desafio, baixam à I divisão, cedendo o seu lugar ao *Sud*.

Ao que nos dizem, os *Galitos* mereciam a vitória, embora hajam jogado mal. A primeira parte terminou por 2-1. O primeiro *goal* dos de P. Brandão entrou com culpas para Franco. O segundo parece que foi metido por um jogador na posição de *off-side*. Feijão enfiou a bola dos aveirenses.

No declinar da partida, os *sudistas* marcaram o seu terceiro tento.

A não ser nos primeiros minutos, em que os aveirenses se mostraram desorientados, a condução do jôgo, duma maneira geral, pertenceu-lhes.

O *match* foi polvilhado de violências e vários jogadores vermelhos saíram tocados.

Arbitrou Hilário Fernandes, alinhando os *Galitos*: Franco; Loura e Pedro; Serafim, Belmiro e Padim; Ratinho, Lopes dos Santos, Feijão, Adão e Luíz.

Sanjoanense, 4—Beira-Mar, 2

Seria optimismo em demasia esperar que, em S. João da Madeira, os nossos rapazes vencessem os locais. A' superioridade técnica do *Beira-Mar* tinham os adversários energia a rodos para opor. E, a pesar imenso no ânimo dos visitantes, existia, também, em S. João da Madeira, o ambiente mau, péssimo mesmo. Portanto, a derrota sofrida pelos aveirenses não surpreende nem pode, sequer, abalar-lhes os créditos e o valor.

Quando nos visitaram, os sanjoanenses foram incorrectos em campo. A assistência, no fim do encontro, e em virtude disso, achou por mal intrometer-se com eles. Era natural que agora o público de S. João da Madeira pagasse tudo, sem esquecer os juros. E, realmente, na questão de juros houve-se com excepcional generosidade...

Tudo isto é profundamente lamentável e não merece apenas ásperas censuras porque pede o necessário correctivo.

No jôgo de Aveiro—escrevemos na semana passada—não houve violência, mas dureza. Em S. João da Madeira não houve dureza, mas violência apenas. Os alvi-negros esqueceram-se da sua categoria de desportistas e preocuparam-se mais com o homem do que com a bola. Mas os principais culpados não são eles—é a assistência.

No nosso distrito vão muito mal estas coisas de *foot-ball*. Se a Associação não castiga exemplarmente os jogadores que prevaricam e as autoridades competentes os díscolos das bancadas do *foot-ball*, não tardará muito que o *association* só seja jogado para as feras e por feras...

O *Beira-Mar* alinhou: Ferreira; Justiça e Amadeu; Nicolau, Eduardo e Picado; Pinho, Maximiano, Décio, Ruela e Estima. Arbitro, H. Fernandes.

Logo no primeiro minuto, a centro de Pinho, Décio, de cabeça, faz passar a bola rente aos postes. Posta a bola em jôgo, Eduardo apanha de cabeça e passa a Maximiano. Este dribla um adversário, cruza á direita e Estima, em corrida, mete o 1.º *goal*, aos 2 minutos do início.

O *Beira-Mar* domina mas não consegue, por infelicidade, obter *goals*. Um pontapé de Pinho vai á trave e outro de Décio, a 3 metros, esbarra num dos postes. Estima, em frente das redes, manda também um *tiro* á barra transversal.

Piro, numa recarga, empata o jôgo, passando a bola por entre as mãos de Ferreira.

A meio do primeiro tempo, Piro e Maximiano entram a uma bola alta. O *Sanjoanense* cai, mas levanta-se pressuroso e agride a pontapé o correctíssimo aveirense. O árbitro, no entanto, resolveu expulsar os dois.

A assistência, quando Maximiano se dispunha a sair do rectângulo, tentou bater-lhe. Foi necessária a intervenção de várias pessoas sensatas para que o jogador pudesse alcançar, são e salvo, o balneário.

Daqui em diante, por confusão entre bola e canelas, o jôgo não teve história...

A arbitragem não se discute, mas compreende-se; compreende-se e aceita-se...

Havia matéria de ssbra para protestar o desafio. Não o fazendo, como nos consta, a direcção do *Beira-Mar* talvez tenha procedido bem. De modo nenhum a *Taça Litoral* podia vir para a cidade. Nem só os jogadores ganham desafios. O público, muitas vezes, é o grande vencedor...

Beira-Mar—Galitos

No Estádio Municipal defrontam-se ámanhã estes dois grupos em primeiras e segundas categorias.

E' para disputa da *Taça 'Banda Amisade.*

Y.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

1.ª publicação

No dia 19 do próximo mês de Julho, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, na execução por custas e selos promovida pelo exequente Ministério Público contra os executados João da Cruz Novo e mulher Maria de Jesus Graça, moradores na Praça do Peixe, desta cidade, vai á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação:—O direito e acção, avaliado em 5.125$00, que os mencionados executados tem á herança deixada por João Rodrigues, morador que foi nesta dita cidade e casados em primeiras núpcias, supondo-se que com comunhão de bens, com Joana da Graça, moradora no Rocio, desta mesma cidade, ambos pais dos ditos executados,—direito e acção que corresponde a uma oitava parte do casal que se compõe dos seguintes bens:

Uma casa de primeiro andar, sita no Rocio;

Um armazem de alvenaria e

Outro armazem de alvenaria, ambos sitos na Ponte de S. Gonçalo no canal de S. Roque, todos da freguesia da Vera-Cruz desta dita cidade.

A sisa e despezas da praça são pagas pelo arrematante nos termos da lei.

Pelo presente são citados também quaisquer credores incertos para assistirem á praça e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 25 de Junho de 1936.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara
Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção,
António Augusto dos Santos Victor

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Pelo juizo das execuções fiscais de Aveiro correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação, citando Cecília Guimarães Monteiro, actualmente ausente em parte incerta, para no praso de dez dias imediatos aos trinta, satisfazer na Tesouraria da Fazenda Pública dêste concelho, a quantia de três mil e cinqüenta e cinco escudos, álem dos juros de móra, selos e custas do processo, proveniente de contribuição do impôsto sobre Sucessões e Doações do ano de 1935, sob pena de a execução seguir seus termos.

Juizo das Execuções Fiscais de Aveiro, 27 de Junho de 1936.

E eu José Silva Neto escrivão o subscrevi.

Verifiquei a exatidão

O Juiz das Execuções Fiscais

João de Faria e Silva

Comarca de Aveiro

—o—

Divorcio

Nos termos do Art.º 19 do Decreto com fôrça de lei de 3 de Novembro de 1910, se faz publico que, por sentença de 4 do corrente mês, com trânsito em julgado, foi autorisado definitivamente o divórcio entre Dona Maria da Conceição Bebiano Barrêto, que também usa os nomes de Maria da Conceição Barrêto e de Maria da Conceição Bebiano Barrêto de Azevêdo Canelas, doméstica, desta cidade, e Mário de Azevêdo Canelas, oficial do Exército, com residência actual na cidade e comarca de Portalegre.

Aveiro, 20 de Junho de 1936.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, da 2.ª vara
Melo Freitas

O Chefe da 1.ª Secção,
António Augusto dos Santos Victor

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas

1.ª Circunscrição — 7.ª Administração

Faz-se público que no dia 13 de Julho de 1936, pelas 11 horas, na Séde da 7.ª Administração Florestal, á Avenida Artur Ravara, n.º 2, em Aveiro, se procederá á arrematação em hasta pública do fornecimento de 500 dúzias de tábuas para ripado para as Dunas de Vagos.

As condições para esta arrematação acham-se patentes na Séde da 7.ª Administração Florestal e na Séde da 1.ª Circunscrição Florestal, á Praça do Município, n.º 325-3.º D., no Pôrto, das 11 ás 17 horas.

Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas, em 20 de Junho de 1936.

Pelo Director Geral,
(a) *José A. Fragoso*